

O segredo da modelo perdida

Eduardo Mendoza

Traduzido do castelhano
por J. Teixeira de Aguiar

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Índice

I

1. Um cão capcioso 9
2. Na pista de *Toby* 16
3. Problemas na casa Linier 24
4. A menina Westinghouse 39
5. Na cena do crime 46
6. Uma pista inesperada 55
7. Tinta invisível 63
8. O feroz fritador e o seu manso ajudante 71
9. Conciliábulo no Facundo Hernández 78
10. Trabalho de campo 86
11. As irregularidades do senhor Muñoz 94
12. Teoria geral dos fantasmas 102
13. APALF 110
14. O misterioso carro preto 120
15. Questão determinante 127
16. Uma viagem construtiva 136
17. Turismo acidentado 146
18. Pavorosa visita noturna 153
19. A confissão do senhor Larramendi 160
20. O senhor Larramendi continua a abrir-se 169

II

1. Cândida à janela 181
2. Volta a começar 189
3. O gélido velhaças põe-me em dia 197
4. A desportista inexistente 204
5. O Ham 212

6. Bizarrias da menina Westinghouse 224
 7. Despedida da menina Westinghouse 233
 8. A entrega 243
 9. O assassínio da menina Baxter 249
 10. Em La Pedrera 255
 11. O insidioso devir das coisas 263
- Coda 270

UM CÃO CAPCIOSO

Em termos gerais, encontrava-me bem. De saúde, de memória, em todos os aspetos. Nestas condições e depois de tantas aventuras, havia de levar uma vida de sossego, e estava nessa quando um cão me mordeu e deu com tudo em pantanas. Caminhava pela Ronda de San Pablo, diligente e sem me meter com ninguém, a caminho do autocarro, para levar uma encomenda. Trabalhava havia algum tempo num restaurante chinês e tinham-me confiado aquele encargo devido à minha dupla condição de nativo, e por isso conhecedor da intrincada trama urbana e cidadão com documentos, para o caso de a polícia me mandar parar. Melhor seria não ter alguns desses documentos, mas para certos efeitos mais valia estar registado do que pertencer ao avultado grupo dos indocumentados, como sucedia com o resto dos trabalhadores da empresa, bem como os sócios capitalistas, os fornecedores e uma boa parte da clientela. Originariamente, o restaurante tinha sido fundado por uma família modelar no local outrora ocupado por um modesto negócio gerido por mim, a saber, um cabeleireiro piolhoso no sentido figurado e não figurado do termo. Como parte da transação, ingressei no quadro de pessoal do novo estabelecimento, e quando, uns meses mais tarde, a família em questão trespassou o negócio a uma importante cadeia de restaurantes chineses, trespassou-me também a mim na qualidade de gerente, cozinheiro, fiel de armazém, contabilista, chefe de sala e animador nas noites de espetáculo, tudo isto naturalmente com carácter nominal,

pela já referida questão dos documentos, porque na prática fazia de moço de recados, mulher da limpeza, desentupidor de esgotos obstruídos, homem do lixo, exterminador de baratas e toureador de ratazanas. Não creio que nenhum destes pormenores influísse na decisão do cão que me mordeu, salvo o cheiro que emanava dos recipientes de cartão que eu levava em regime de portes a cobrar a um cliente que os tinha encomendado por telefone. A despeito de sentir pelos cães um medo e uma repulsa congénita e de aquele que me atacou à traição e me mordeu na barriga da perna ser bastante grande, o incidente em questão foi uma coisa insignificante, já que os meus empregadores, com fins publicitários, me obrigavam a proceder às distribuições vestido de guerreiro de Xi'an, e a armadura, apesar de ser de plástico barato em lugar de terracota, bastou para me proteger das fauces do cão e deixá-lo desconcertado e sem vontade de repetir a experiência. Só que em consequência do susto e do empurrão, caíram-me ao chão as embalagens de cartão e o conteúdo de uma delas espalhou-se pela rua, mas, como se tratava da entrada denominada «mexilhões macerados pow pow», não me custou apanhá-los todos, menos um que se pôs a salvo encarapitando-se numa árvore, e repô-los na caixa sem prejuízo da sua aparência e do seu sabor. Foi nesta operação que me encontrou uma senhora de meia-idade, bem vestida e encaracolada, a qual, agitando uma correia, exclamou:

– Pode-se saber o que é que fez ao meu cão?

– Eu, nada – respondi. – A mim os cães repugnam-me.

Esta resposta deve tê-la tranquilizado quanto às minhas intenções, porque acrescentou ato contínuo, dirigindo-se ao cão:

– Seu mau.

E de novo para mim:

– Não sei o que o possa ter irritado no senhor. Até agora o *Paolo* só mordida às crianças. Nunca a pessoas crescidas, e muito menos a espantalhos. *Paolo*, pede desculpa a este senhor.

Paolo afastou as patas traseiras e depositou um cagalhão no pavimento.

– Bem – prosseguiu a dona do cão –, assunto arrumado. Não lhe passe pela cabeça denunciá-lo. O *Paolo* não está vacinado e a polícia municipal podia apreendê-lo. Se me prometer que esquece toda esta parvoíce, indemnizá-lo-ei pelo incómodo. Dê-me um número de conta e quando chegar a casa faço-lhe uma transferência.

Tempos atrás abri uma conta à ordem na Caixa, mas a própria entidade penhorou-a preventivamente no preciso momento da abertura.

- Preferiria em numerário – disse eu.
- Só tenho nove euritos.
- Serve muito bem.

Tirou um porta-moedas da mala, daquele uma nota de cinco e umas moedas, e deu-mas. Depois foi-se embora, acompanhada de *Paolo*. Assim que fiquei só dirigi-me aos tombos até um banco desocupado e sentei-me. A minha mente tinha-se esvaziado dos pensamentos que até àquele momento a ocupavam por completo (o futebol) e amontoava-se nela um torvelinho de recordações e ideias, deixando-me confuso e como que em transe. Por artes mágicas, vi-me transportado a outro lugar e a outro momento, muitos anos atrás, quando um conjunto de circunstâncias adversas pregara com a minha pessoa numa instituição destinada a albergar mais por força que de vontade as pessoas que tinham tido a habilidade de juntar a um equilíbrio mental instável uma conduta punível e uma reiterada incapacidade para convencer a magistratura da sua inocência...

Uma manhã cedo, antes do duche e do pequeno-almoço, eu tinha saído para o pátio do sanatório para depositar os sacos do lixo do meu pavilhão no respetivo contentor, quando vi aparecer Toñito. Era estranho que Toñito andasse solto àquela hora, mas tudo era estranho em Toñito, de modo que

não lhe atribuí importância, nem sequer quando se aproximou de mim e me disse:

– Há alguém a perguntar por ti. No vestíbulo.

– Hem?

Não era fácil perceber Toñito. Tempos atrás alguém o vira ensimesmado e tinha dito:

– Toñito, se continuas com a boca aberta, ainda engoles uma mosca.

Ele percebeu «ainda comes uma moça» e desde então não fechava a boca nem de dia nem de noite, com o conseqüente prejuízo da sua dicção. De maneira que optei por não indagar mais e dirigi-me ao vestíbulo para verificar se na verdade alguém me requeria. O vestíbulo era um espaço nu onde as poucas visitas que alguns felizardos recebiam tinham de esperar para serem atendidas. As luzes fluorescentes que o iluminavam tinham-se ido fundindo até deixar o compartimento na penumbra. Onde antes estava pendurado o retrato do Generalíssimo havia agora um quadrado vazio e desbotado. Uns anos atrás, o doutor Sugrañes, na sua qualidade de diretor do sanatório, tinha convidado Sua Majestade o Rei, a esposa e o resto da família real para passarem um fim de semana no sanatório. A resposta do gabinete de relações públicas da Casa Real pareceu ao doutor Sugrañes mais diplomática do que entusiástica, pelo que decidiu não pendurar o retrato do Rei no vestíbulo enquanto o convite não fosse aceite. E assim estavam ainda as coisas. Naquele acolhedor ambiente encontrei um homem que nunca tinha visto. Era jovem, garboso e robusto; ostentava um farfalhado bigode que descia por ambos os lados da boca e o seu olhar seria incisivo, se uns óculos escuros não o velassem. Vestia casaco amarelo, camisa roxa e gravata às pintas. Trazia também certamente outras peças de vestuário, mas não pude certificar-me disso, pois o desconhecido monopolizou toda a minha atenção dizendo:

– Peço-lhe muita desculpa por tê-lo desviado das suas ocupações terapêuticas, mas o assunto que aqui me traz não é

para menos nem admite delongas. Antes de mais nada, apresentar-me-ei. O meu nome é Rupert von Blumengarten. Na realidade, chamo-me José Rebollo, mas, como sou da polícia secreta, utilizo sempre um pseudónimo. Quem me mandou procurá-lo, não ao pseudónimo, mas ao senhor, foi o comissário Flores.

– Praza aos céus derramar sobre ele as suas bênçãos! – exclamei, cravando um joelho em terra, abrindo o braços e levantando a cara para as teias de aranha que cobriam o teto.

Em abono da verdade, se naquela altura um só desejo me tivesse sido concedido na vida, teria sido encerrar o comissário Flores num ninho de térmitas na companhia de uma tarântula e de um caimão, e não me faltavam motivos. A minha vida e a do comissário Flores tinham seguido linhas divergentes e ao mesmo tempo concomitantes: ele subia e eu descia numa correlação não casual, dado que os seus méritos costumavam alicerçar-se nos meus fracassos. Mas como no momento presente e sem perspectivas de mudança permaneciam nas suas mãos o poder e o cacete e a sua intercessão podia contribuir para a revisão da minha sentença, procurava sempre mostrar-lhe mais devoção que má vontade, pelo que acrescentei, sem alterar a minha postura:

– E torná-las extensivas a quem vem em seu nome!

O desconhecido autorizou-me por sinais a levantar-me, sorriu com uma ligeira contração dos lábios e replicou:

– Consta-me que o comissário Flores retribui os seus sentimentos na mesma medida. Dos meus não posso falar, porque sou da polícia secreta. E congratulo-me com a sua boa disposição, porque o comissário Flores me mandou para lhe encomendar uma missão. Como se trata duma missão secreta, a partir de agora tratar-te-ei por tu. Se alguém nos surpreender, daremos uma beijoca um ao outro.

Aquela não era a primeira vez que a insondável baixeza do comissário Flores o levava a recorrer aos meus serviços. Tinha-o feito antes do meu internamento na instituição onde

agora apodrecia, sob a ameaça de me enviar para a gaiola, e inclusivamente depois, uma vez concretizada a ameaça e estando eu encerrado onde na ocasião estava, com a promessa de compensações e prebendas que a seguir nunca se materializavam, por mais que eu cumprisse a minha parte do contrato com bastante esforço e risco. Escaldado e confrontado com uma nova exigência, a minha primeira reação foi dar meia-volta e deixar o emissário de plantão alegando um acesso repentino de ansiedade. Ou uma súbita caganeira. Ou nada, que para alguma coisa fazia às vezes de maluco. Refreei, porém, esse impulso e perguntei pela natureza do encargo.

– Responder-te-ei assim que sairmos do sanatório, coisa que podemos fazer sem mais delongas, pois na previsão da tua aquiescência solicitei e obtive a autorização do doutor Sugrañes, venerável diretor desta exemplar instituição.

Tirou do bolso um papel datilografado e assinado, mostrou-mo e eu dei-o por bom. Nada me permitia duvidar da conivência do doutor Sugrañes com as autoridades e, ao fim e ao cabo, a parte administrativa da questão não me preocupava. Pouco esperava ganhar acedendo a uma proposta que em nenhum caso me teria sido permitido rejeitar, mas tão-pouco tinha muito a perder com isso e um breve período de liberdade podia facultar-me oportunidades que nunca se me deparariam enquanto estivesse internado. De modo que, sem mais palavras, dirigimo-nos à porta que ligava o tenebroso vestíbulo ao árido jardim e sobre cujo lintel um festão proclamava em letra gótica o lema daquela nobre entidade: PELO CU TA ENFIO. O meu acompanhante abriu a porta com facilidade da sua parte e surpresa da minha, porque estava sempre fechada a sete chaves; saímos juntos e percorremos o carreiro, ora poeirento, ora enlameado, consoante o clima, e transpusemos com igual desenvoltura o portão da rua. Esperava-nos ali um carro preto. Entrámos. Conduzia-o um indivíduo à paisana, barbado e carrancudo. O meu acompanhante sentou-se ao seu lado e eu na parte de trás do

veículo. Soaram ominosas as trancas das portas. A uma indicação do meu acompanhante, o condutor tirou a barba, desfranziu o cenho e partimos. Nessa altura dei-me conta de que não me despedira dos companheiros nem tinha tido ocasião de vestir roupa decente ou, pelo menos, lavada.

NA PISTA DE *TOBY*

O carro parou diante de um muro de pedra alta atrás do qual assomavam frondosas copas indicativas de haver atrás dele o vasto e bem cuidado jardim de uma mansão. Encontrávamo-nos numa rua, empinada e solitária, do distinto e por mim pouco pisado bairro de Pedralbes. De um e de outro lado, a rua era flanqueada por idênticos muros, encobridores de idênticos jardins e mansões, e acabava na parte superior da encosta diante da porta de entrada de um parque público. O condutor desligou o motor e no interior do veículo reinou um silêncio apenas interrompido pelas vozes dos dois agentes, uma das quais tinha um timbre grave e a outra agudo, o que dava uma vivacidade à perorata que não sei como transcrever.

– Aqui, no número 9 desta rua, defendido por este muro de olhares profanos – começou a dizer um dos agentes enquanto apontava com o polegar para o muro –, encontra-se a mansão Los Carlitos, residência de don Carlos Linier, proprietário dos Eletrodomésticos Linier y Fornells, homem de berço ilustre, preeminência social e considerável fortuna. Don Carlos casou em moço com mulher de antigos avoengos e minguidos cabedais, chamada Carlota, de cuja união nasceram três varões, batizados respetivamente Carlos, Charles e Karl, como cabe a pessoas políglotas de escassa imaginação. Haverá uns dez anos, a relação matrimonial viu-se alterada por causa natural e razoável: o senhor Linier enrolou-se com uma miúda de vinte que, casualmente, também se chamava Carlota. Instado por esta a regularizar a situação, e como nessa altura não existia

o divórcio em Espanha, o senhor Linier interpôs uma ação de anulação eclesiástica alegando conduta imoral e escandalosa dum dos cônjuges, neste caso o do próprio demandante. Num ápice o vínculo foi dissolvido com efeitos retroativos, ficando o senhor Linier exonerado de qualquer obrigação para com a sua até então esposa, agora simplesmente rameira, a qual, repudiada pela sociedade, abandonada por familiares e amigos e sem um chavo, foi encontrada morta pouco tempo depois de pronunciada a sentença, numa sórdida pensão do Bairro Chinês, em circunstâncias que faziam suspeitar de suicídio, uma vez que se encontrou na sua mesa de cabeceira uma nota dirigida ao marido que dizia: «Parvalhão».

Nesta altura tomou o outro agente o fio do relato, nos seguintes termos:

– Despachada a defunta e casado de novo o senhor Linier com a segunda senhora Linier, agora a primeira, continuou como se nada fosse a vida em Los Carlitos, convertida a mansão em cenário de uma animada vida social, lugar de encontro de magnatas, dignitários, intelectuais, artistas e desportistas de elite, que acorriam atraídos pelo encanto avassalador da nova senhora Linier e pela sumptuosidade e animação dos eventos. Apenas embaciava a alegria da casa a presença dos três filhos da anterior união, agora bastardos, que não ocultavam o ódio que lhes inspirava a madrasta, a qual lho devolvia sobejamente, sem poupar insultos e humilhações, tanto em privado como em público. Apesar disso, os três filhos de don Carlos continuaram e continuam a viver na casa de família, em parte porque nenhum dos três mexe uma palha, e em parte porque, segundo rumores não confirmados, a cruel madrasta se entende com um dos três nas costas do marido, sem que se saiba com qual.

– Já estás a ver o panorama – concluiu o primeiro dos agentes.

– Com estes ingredientes e um pouco de talento, poder-se-ia escrever um romance de Agatha Christie – observou o outro.

– Ou uma minissérie – sugeriu o anterior.

Fez gestos de assentimento ao mesmo tempo que tentava memorizar alguns elementos que julguei vitais para esclarecer os escaninhos do crime. Depois de organizar mentalmente aquele turvo organograma, e como os meus acompanhantes não acrescentaram nenhum elemento novo a uma trama tão clássica como sugestiva, perguntei:

– E quem é o morto?

Os dois agentes olharam-me fixamente, olharam-se entre si, abriram as janelas e através delas lançaram cuspidelas sincronizadas. Depois exclamaram em uníssono:

– Estás a delirar, ou o que é que te deu? Aqui não há morto nem meio morto.

– Então qual é o meu papel aqui?

– Toma nota: a atual senhora Linier tem um cãozinho. Esta noite uma criada foi levá-lo a passear e ele fugiu-lhe. Desesperada, a senhora Linier telefonou para o ministro da Defesa e este a nós.

– Encarregar-nos-íamos gostosamente do caso, mas esta mesma manhã houve alguém que assassinou uma rapariga no bairro de San Gervasio e temos de nos pôr a investigar. Assunto feio: um crime sem móbil aparente. Ao que parece a vítima era modelo. Jovem, bonita, ágil... Essas raparigas metem-se sempre em sarilhos e muitas vezes acabam mal – disse o primeiro dos agentes.

– Mas nada disto te diz respeito – apressou-se a acrescentar o segundo. – A tua missão é encontrar o cãozinho e devolvê-lo são e salvo à dona. Se o fizeres antes do anoitecer, dão-te de lanchar e contarás com a gratidão efémera e certamente sovina, mas nunca desdenhável, de gente influente. De contrário, damos-te uma carga de pancada antes de te devolver ao manicómio. É contigo.

– Onde se deram os factos? – perguntei, resignado.

– O cão perdeu-se no parque que há ao fim desta rua. O mais provável é que ainda esteja lá escondido. É capaz de ser um mimado, incapaz de se governar sozinho. De acordo com o

retrato-robô enviado pelos especialistas, é pequeno, castanho e chama-se *Toby*.

Destravaram as portas, eu abri, saí e, sem interpor nenhuma fórmula de cortesia, comecei a andar pela rua acima em direção à entrada do parque, constituída por um muro de pedra e um portão de ferro alto, rematado por aguçados picos. Um letreiro indicava que o portão fechava ao escurecer. Agora estava aberto de par em par.

Tinha percorrido já uns metros quando ouvi o carro arrancar, manobrar e o ruído do motor perder-se paulatinamente na distância. Dei então a volta: na rua deserta só se ouvia o piar dos passarinhos e o sussurro da folhagem agitada pela suave brisa de que gozam os bairros onde vivem as pessoas bem instaladas na vida. Dirigi novamente os passos para o parque, cheguei à porta e cruzei-a. Uma escadaria conduzia a um primeiro nível ou planície, destinada à infância e aos seus folguedos inocentes, dotada de baloiços, balancés e escorregas e atapetada de caganitas, garrafas quebradas e seringas. Depois um carreiro subia serpenteando até uma segunda planície, que constituía o parque propriamente dito, com extensos canteiros, sinuosas veredas e uma multitude de árvores que com a sua nobre função clorofilina faziam do conjunto ornato da paisagem, bálsamo do espírito e amigo dos pulmões. Daquele promontório o visitante podia contemplar a conurbação de Barcelona, o porto e os barcos atracados nas docas, as praias luminosas, os laboriosos complexos fabris e, mais além, os férteis campos de lavoura, os sarapintados blocos de habitações baratas e a plácida e emporcalhada desembocadura do rio Llobregat. No mar cintilava o Sol, já alto. Dediquei dois segundos a saborear o espetáculo e outros dois a considerar a conveniência de voltar para trás tão depressa quanto mo permitissem as pernas até chegar ao núcleo urbano e perder-me no labirinto de insalubres vielas e escuros recantos onde não se vê nem se ouve nem se comenta o que lá sucede. Mas não o fiz. Não tinha sítio para onde ir, nem pessoa a quem recorrer, nem

uma reles peseta nos bolsos. Nestas condições muito pouco custaria à polícia dar comigo e então extinguir-se-ia para sempre a possibilidade de ver o meu processo reaberto, a minha condenação revogada, a minha liberdade recobrada e a minha honra restabelecida. Pelo contrário, se encontrasse o cãozinho e o restituísse à dona, dar-me-iam certamente uma gratificação suculenta, com a qual poderia, quer agilizar o lento curso da justiça untando as mãos a quem conviesse, quer pôr-me na alheta com um pouco de guita na algibeira. E se ao cair da tarde não tivesse encontrado o cão, estava sempre a tempo de me pôr em fuga a coberto da escassa luz crepuscular.

Nos bairros ricos a atividade não começa de madrugada. Deviam ser dez horas e no parque não havia uma alma, exceto a minha, um tanto ou quanto murcha por não ter tomado o pequeno-almoço. Congratulei-me por aquela solidão, que favorecia a minha busca, mas não podia perder tempo, se não queria que a afluência de visitantes a obstaculizasse. Dei por boa a teoria do agente a respeito da reduzida idiossincrasia de um cãozinho fraldiqueiro e pus-me a percorrer os meandros do parque, esgaravutando entre os arbustos e esquadrinhando possíveis esconderijos, enquanto repetia em tom melífluo:

– *Toby! Toby!*

Ao cabo de uma hora só tinha conseguido picar-me e arranhar-me e enfiar o pé num lago coberto de nenúfares.

Começava a perder a fé no método escolhido, quando vi aproximar-se de mim por um carreiro um homem de meia-idade vestido com roupa desportiva que manifestamente participava numa corrida, apesar de não parecer ter competidores nem pressa de cortar a meta. Interpus-me no seu caminho para lhe perguntar se tinha visto um cão, e ele, ao aperceber-se das minhas intenções, fez-me sinais enérgicos para que me afastasse. Assim fiz, e ele passou ao meu lado sem reduzir nem aumentar o ritmo do seu trote. Supus que seria um maluco e prossegui a busca. Ao cabo de muito pouco tempo vi aparecer outro corredor que agia do mesmo modo,

mas em direção oposta à do corredor anterior. Sem tentar detê-lo, perguntei-lhe o que fazia.

– *Footing* – respondeu.

Naqueles anos tinha-se imposto a moda de correr sozinho e, para dizer a verdade, alguma coisa disso chegara ao meu conhecimento no sanatório, mas nunca tinha tido ocasião de contemplar de perto o fenómeno e menos ainda de o praticar, uma vez que entre os meus companheiros de reclusão não eram do agrado desportos que não incluíssem um rival a vencer à cacetada.

Pensando que podia tirar partido daquela insólita ocupação, protegi-me da curiosidade alheia atrás de uma sebe e despi as calças. As cuecas tinham sido brancas nas suas origens, mas sucessivas lavagens e outras desventuras tinham-nas tornado de uma cor cinzento-escura que lhes permitia passar por uma peça de vestuário desportivo. O resto da indumentária não gozava da mesma prerrogativa. Mas não tive tempo de refletir sobre o pormenor, porque, mal tinha ocultado as calças entre a folhagem, fez a sua aparição um terceiro corredor. Deixei-o passar e alcancei-o a grandes passadas.

– Adoro o *footing* – exclamei, enquanto tentava ajustar a minha velocidade à sua.

– E eu também! – retorquiu o corredor com voz entrecortada. – Quantas milhas já fizeste?

– Cento e vinte – disse eu à sorte, porque não estou ao corrente das equivalências –, e teria feito mais se um cãozinho não se tivesse interposto no meu caminho. O senhor não terá sofrido uma ocorrência similar, por acaso?

– Não.

– Então por aqui me fico.

Parei para recuperar o fôlego. A mesma operação repetiu-se mais duas vezes. O quarto corredor era um homem gordo e apoplético que tão-pouco tinha encontrado um cão no seu esforçado percurso. O quinto era uma rapariga jovem. Como tinha uma camisola justa e o andar ligeiro imprimia uma

acentuada oscilação aos seus marmelos, não tomei nota de nada do que me disse. O que veio a seguir deu comigo derreado. As sapatilhas de feltro tinham-se ressentido da fricção e os dedos dos pés assomavam, impertinentes, pelos rasgões, o elástico das cuecas tinha deslaçado e eu via-me obrigado a correr agarrando nelas com uma mão. Isto para não falar da auréola de suor, baba, muco e outros sucos que me circundava.

- Adoro o *footing!* – consegui balbuciar.
- E que tenho eu com isso? – respondeu ele.
- Não terá visto um cão que me impediu de fazer mais milhas?
- Só vi um pequeno, amarrado com uma corda.
- A um poste de iluminação?
- Não. Ao conjunto escultórico.

Caíram-me as cuecas e ato contínuo caí eu. Quando me levantei, o meu interlocutor tinha-se perdido numa volta do carreiro. Cuspi a gravilha que se me tinha enfiado na boca e decidi ir verificar se o cão do conjunto escultórico era aquele que eu procurava.

Não tive grande dificuldade em encontrar ambos os objetos. O conjunto escultórico era um monumento formado por três blocos irregulares de betão e uma placa de bronze que rezava:

A 8 DE MARÇO DE 1980
O CONSELHO MUNICIPAL EM PLENÁRIO
INAUGUROU ESTA ESCULTURA
URINANDO CONTRA O PEDESTAL

Na parte posterior vi um cão pequeno amarrado a uma saliência com uma corda. Descartada a hipótese de que o mesmo tivesse tentado enforcar-se, deduzi que alguém o tinha encontrado a vaguar pelo parque e o amarrara para evitar que saísse e fosse atropelado por um veículo a motor. O cão não tinha coleira e a corda era um cordel ordinário. Aproximei-me com lentidão e disse:

- *Toby?*

Por única resposta, o cão abriu a boca e deixou pender a língua de lado, ao mesmo tempo que agitava o rabo. Aproximei-me mais e ele moveu o rabo com mais energia. Antes de o soltar entendi conveniente deixar as coisas claras:

– Olha, *Toby* – disse-lhe eu –, eu não quero saber de ti para nada e detesto cães, mas estou em apuros e tu também, de maneira que nos calha bem colaborar. Se te portares bem, devolvo-te a casa e em contrapartida dou um passo talvez modesto mas não insubstancial no sentido da reabertura do processo judicial cujos erros de interpretação, bem como de forma, estou a sofrer.

Pareceu ouvir-me com interesse e, ao terminar o meu percurso, a língua chegava-lhe ao chão. Desatei a corda do monumento e comecei a andar puxando por ela. *Toby* seguia-me com alacridade. Como primeira medida, regressámos ao lugar onde tinha ocultado as calças e demorei um bocado a procurá-las em vão. Ou alguém se tinha apropriado delas ou eu me enganava de arbusto. Aproximava-se o meio-dia e o parque ia-se enchendo de mulheres e crianças de tenra idade, umas ao colo e outras no seu cestinho ou alfofa, outras em carrinhos e outras, por último, em precário equilíbrio sobre as suas patolas. Não podia continuar a passar por atleta diante daquele coletivo, pelo que decidi prescindir das calças e rematar o mais depressa possível a tarefa. Em menos de três minutos cão e eu tocávamos ao intercomunicador da mansão dos senhores Linier.